

## Entenda a crise no Líbano

Os tristes episódios da recente crise no Oriente Médio e que envolvem, desta vez, Israel e o Líbano, nos remete a uma pergunta sempre pertinente: por que tanta guerra na região?

Qualquer pessoa que se dedique a entender os motivos desses conflitos, deve jogar a âncora da compreensão ao passado, considerando que as razões para os desentendimentos presentes são uma consequência direta do pós-Primeira Guerra Mundial, logo, das intervenções das potências que rearranjaram a ordem geopolítica regional de acordo com seus interesses, particularmente, o Reino Unido. Questões ainda mal resolvidas dessa época dão a tônica dos problemas atuais.

Contudo, no caso específico desta crise que envolve os vizinhos Israel e Líbano, podemos empreender um resgate histórico mais modesto, tentando desmistificar.

Em 1982, Israel, tendo a frente o ministro da Defesa, Ariel Sharon, invadiu o Líbano para expulsar a OLP (Organização pela Libertação da Palestina). A organização palestina tinha naquele país, sua base principal. Derrotada, migrou para a Tunísia.

O Líbano vinha de uma guerra civil que se iniciara em 1975 e só terminaria em 1991. Essa guerra civil envolvia uma complexa teia religiosa: cristãos ortodoxos, maronitas, muçulmanos sunitas, xiitas e drusos. Nesse mosaico cultural, a Síria posicionou-se, inicialmente, ao lado dos muçulmanos, estendendo sua influência no país para de lá somente se retirar em 2005. Israel fez o mesmo, mas apoiando o lado cristão da guerra.

Ao interferir na guerra para lhe cuidar da parte que lhe cabia (expulsar os palestinos que faziam incursões ao território israelense) Israel criou uma "faixa de segurança" no sul do Líbano, de lá só se retirando em 2000.

Acontece que a presença israelense no sul, fez surgir uma resistência - a partir da vertente xiita - que logo se converteu em um importante grupo armado, financiado pelo Irã e apoiado pela Síria: o Hezbolá.

O Hezbolá ampliou seu raio de ação se convertendo em uma forma de Estado paralelo, com forte atuação assistencial aos muçulmanos, oferecendo-lhes, escolas, creches, hospitais, entre outras necessidades elementares que a população local não dispunha. Ganhou notoriedade entre a população xiita, palestina e libanesa, se transformando em partido político; atualmente representa 10% do parlamento libanês.

Apesar da retirada israelense em 2000, as incursões de guerrilheiros do Hezbolá ao território israelense, a partir do sul do Líbano, não cessaram, pois a causa do Hezbolá - assim como do Hamas, da Jihad Islâmica e de tantos outros grupos fundamentalistas muçulmanos (inclusive, a al Qaeda) - é bem maior e passa pela não aceitação do Estado de Israel no Oriente Médio, esse "corpo estranho judeu" no mundo árabe, segundo a leitura da maior parte da população local.

## **A "guerra" de 2006**

No dia 12 de julho deste ano, Israel invadiu o espaço aéreo libanês e atacou bases do Hezbolá, iniciando o atual conflito. A razão das aspas deste subtítulo se deve ao fato de que guerra ocorre entre Estados, e não é o que está acontecendo (pelo menos, até o momento em que esse texto foi escrito). O que se tem até agora, é o ataque de um Estado (Israel) a uma organização rotulada como "terrorista", mas que atua dentro de um país soberano, no caso, o frágil Líbano.

Na região fronteira Israel-Líbano, seqüestro de parte a parte é cena comum. O fato novo é o extremo rigor israelense na retaliação a ação do Hezbolá. A energia demasiada vitimou inocentes, muitas crianças, inclusive; os episódios de Qana chocaram o mundo; 60 civis mortos, entre eles, 36 crianças. Ao contrário do que esperava o Estado judeu, as ações israelenses só fizeram aumentar o prestígio que o xiita Hezbolá goza no Líbano, agora expandido para todo o mundo muçulmano. É bom ressaltar que nesse mundo muçulmano, a maioria é sunita, mas isto parece estar em segundo plano quando a

questão é com Israel. Indiscutivelmente, outro tiro que sai pela culatra, diz respeito à população judaica dispersa pelo mundo, em constrangedora e delicada situação no momento, devido às ações do governo Olmert.

O argumento israelense é a destruição de um grupo terrorista que estaria agindo em conluio com o regime iraniano, em uma "conexão xiita." Do ponto de vista da percepção estratégica, Israel pode até ter razão quanto às intenções de Nasrallah (líder do Hezbollah), Ahmadinejad (presidente do Irã) e mesmo do sunita Assad (presidente da Síria). Contudo, o peso da mão israelense no trato da questão pode render uma perigosa ampliação do conflito. Mesmo sendo a maior potência militar do Oriente Médio, o custo da ação israelense, pode ser caro demais.

*Edilson Adão C. Silva, é graduado em Geografia, mestre em Ciências e doutorando pela FFLCH-USP. Como especialista em geografia política e relações internacionais publicou o livro Oriente Médio: a gênese das fronteiras (Editora Zouk) e é professor de geografia do Cursinho da Poli, em São Paulo.*

Texto divulgado no site Terra